

A dinâmica de Wesley e a nossa realidade hoje

The dynamic of Wesley and our reality today

Asesoría pastoral: un estudio de caso

Odilon M. Chaves

[Edição original página 85/86]

Longe de ser um ativista, Wesley foi um cristão que entendia o cristianismo um pouco diferente dos clérigos de sua época e, por isso, "mais de 332 obras anti-metodistas foram publicadas antes de 1762"¹. Para ele, era inadmissível o cristão ser estático, parado, sem praticar a fé cristã, sem praticar obras. Por isso, "os clérigos da Igreja Anglicana e das Igrejas dissidentes o acusaram de papista ou jesuíta"².

Mas, se entendermos Wesley neste sentido, compreenderemos porque ele se separou dos moravianos que, inclusive, o haviam ajudado em sua vida espiritual. Após sua experiência do coração aquecido, Wesley foi à Alemanha conhecê-los de mais perto, "mas nem tudo lhe agradou. Percebeu que Zinzendorf era tratado com muito grande deferência e que a pi-

edade moraviana não escapara de limitações subjetivas. Ainda que devesse muito aos moravianos, Wesley era por demais ativo em sua atitude religiosa, muito pouco místico, deveras interessado nas grandes necessidades do próximo para ser cabalmente moraviano"³.

Se entendermos Wesley neste sentido, compreenderemos porque ele foi totalmente contra a doutrina da predestinação. Ela colocava, na época, a salvação e a condenação somente como obra de Deus, independente da participação humana. Por isso, ele diz: "Essa doutrina incômoda tende diretamente a destruir o nosso zelo pelas boas obras... Ela o faz destruindo um dos motivos mais fortes de todos os atos da misericórdia corporais como dar de comer aos que têm fome, vestir os nus etc. e a esperança de salvar-lhes a alma"⁴.

¹ BUYERS, Paul Eugene, *João Wesley: avivador do cristianismo na Inglaterra*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957, p. 46.

² Ibid., p. 47.

³ WALKER, Williston, *História da Igreja Cristã*, 2º vol, São Paulo: Imprensa Metodista, 1967, p. 209.

⁴ BURTON, Robert; CHILES, Robert. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. São Paulo: Imprensa Metodista [JGEC], 1960, p. 53.

Para Wesley, “a salvação é dom gratuito, concedido aos homens sem que o mereçam, mas não vai ao ponto de deixar tudo exclusivamente nas mãos divinas. A salvação é obra divino-humana”⁵. Para ele “realizar boas obras para ser salvo é armadilha do legalismo. Pensar que a pessoa pode parar na fé é uma heresia paralela à dos ‘antinomianos’. O que Wesley se esforçou ao máximo para demonstrar foi que devemos começar pela fé – o único meio de salvação. Mas se esta fé é real, produz boas obras como prova de sua genuidade”⁶.

Para nos santificarmos, Wesley colocava a fé como condição básica. Mas ele ensinava que as obras têm parcela importante no processo da santificação. Ele colocava dois tipos de obras que deveriam ser praticadas:

[Edição original página 86/87]

- “Obras de Piedade, tais como culto público, culto doméstico, oração privada, participação na ceia do Senhor, estudo das Escrituras ... uso do jejum e abstinência...”
- “Obras de Misericórdia ... alimentar os famintos, vestir os nus, dar pouxada ao peregrino, visitar os que estão presos ou enfermos, procurar instruir os ignorantes, despertar o pecador sonolento, vivificar os indiferentes, confirmar os vacilantes, confortar os conturbados, socorrer o tentado ou contribuir de qualquer

maneira para salvar as almas da morte”⁷.

Na verdade, tudo em Wesley era dinâmico. A estrutura do Clube Santo, que ele dirigiu, era dinâmica. Suas atividades, como a missão na Geórgia, a itinerância, a evangelização, a visitação, seus métodos, sua tentativa de mudar a situação anticristã da Inglaterra, eram apenas reflexos de seu dinamismo e seu cristianismo prático.

A organização das próprias sociedades, refletiam seu dinamismo, pois “à medida que as pessoas se convertiam eram imediatamente arroladas numa Sociedade, composta de moradores de uma mesma área e, ainda, numa classe, esta organizada com 12 pessoas sob a direção de um líder. Essas pessoas eram nutridas, diariamente, pela pregação do evangelho e, quando realmente despertadas, eram encaminhadas a um *Band* (bandas) para ali buscar a “perfeição em amor”⁸.

Enfim, se percebe claramente que a nossa Igreja originariamente foi moldada tendo como pano de fundo o dinamismo e o cristianismo prático de Wesley.

Creio que a realidade brasileira de hoje não fica muito longe do que foi a Inglaterra no tempo de Wesley. O problema é que a história nos mostra uma organização, uma ênfase doutrinária, uma prática, que foi moldada por um homem que não está mais no nosso meio. Hoje estamos em “outra”, estamos estabelecidos. Não

⁵ SALVADOR, José Gonçalves, *Arminianismo e Metodismo*. São Paulo: Imprensa Metodista [JGEC], p. 106.

⁶ ENSLEY, Francis Gerald, *João Wesley, o Evangelista*. São Paulo: Imprensa Metodista [JGEC], 1960, p. 35.

⁷ WESLEY, João. *Sermões de Wesley*. 2º vol. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954, p. 354.

⁸ CONSELHO GERAL. *Ênfases metodistas no ministério pastoral*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1980, p. 12.

temos mais na direção da Igreja este homem dinâmico. Temos sim várias pessoas dirigindo a Igreja, que agem segundo a sua personalidade, sua concepção teológica e necessidades locais ou mesmo por interesse próprio. Assim, querer unificar uma Igreja num Brasil imenso e complexo, sob a direção de diferentes pessoas, não é uma medida muito realística.

Se temos Regiões Eclesiásticas, ou melhor, "religiões eclesiásticas", nada melhor que dar certas diretrizes, colocar certos parâmetros e deixar cada Região usar o sistema e ênfase teológica que melhor se adapte ao seu ambiente local.

[Edição original página 87/88]

Se as cartas do Novo Testamento nos mostram as Igrejas cristãs sendo organizadas de diferentes maneiras, ao longo dos tempos, por que não podemos fazer o mesmo?

Se cada Evangelho procurou transmitir um Cristo que atendessem à realidade local, por que não podemos fazer o mesmo?

[Edição original página 88]